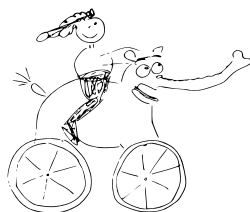


2020  
tradução: @mocambo



**"Como cultivar mundos habitáveis:  
dez etapas  
(não tão fáceis)  
para a vida no Planthroposcene."**

*Natasha Myers* é Professora Associada do  
Departamento de Antropologia  
da Universidade de York, Toronto.



tradução: @mocambo



foi digitalizada, formatada, revisada e liberta das excludentes convenções mercantis. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome da autora.

mundão 2020



## *Etapa 10 - Faça arte para o Planthroposcene*

Recuse a estética da ruína da pornografia, que restringe nossa imaginação sobre o crescimento selvagem a locais de decadência cultural, como se fosse apenas na esteira da extinção humana que as plantas possam expressar seus poderes completos e irrestritos (leia-se: monstruosos). Cultive, em vez disso, um gosto pelo pornô de Planthroposcene : arte que mantém as pessoas em jogo, estabelecendo relações íntimas entre plantas e pessoas; arte que figura "natureza como amante, não mãe"; arte que nos atrai para o reino dos prazeres mais que humanos. Organize seu próprio EcoSexual Bathhouse e faça amor com as plantas. Junte-se à artista eslovena Špela Petrie à Plant Sex Consultancy para projetar vibradores para plantas e flores em vasos solitários que perderam seus polinizadores.

Ative sua própria capacidade de matéria cósmica, aprendendo os protocolos da Quimera Rosa para tatuar sua pele com clorofila. Você também pode aprender a fotossintetizar. Junte-se a artistas do Dance for Plants para criar performances para os vasos de plantas que dançam lentamente nas bordas das janelas do seu apartamento. Aprendiz com o artista mexicano Gilberto Esparza para projetar companheiros de plantas nômades animados. Construa os corpos de suas máquinas planimais a partir de resíduos eletrônicos colhidos nas ruínas do capitalismo e projete-os para extrair sua energia da vida bacteriana, de modo que, quando sugam o esgoto bruto a jusante de fluxos industriais tóxicos, eles possam transformá-lo em água que apoia plantas e seus aliados.

Faça o que fizer, conspirar com as plantas para criar arte como a sua vida depende de perturbar o senso comum colonial que nos deixaria a todos morrer no Antropoceno.

Elas crescem onde terras e corpos estão fora de relação. Antes de envenenarmos a terra com pesticidas para erradicar plantas não nativas, precisamos nos perguntar o que elas estão fazendo. O que eles estão nos ensinando sobre a colonização e as ruínas do capitalismo?

O Planthroposcene arranca as infra-estruturas de nossas cidades antropocênicas, fundadas em desejos edênicos de natureza domesticada e contida pelo homem. Devolva essas infra-estruturas antigas às plantas e aos fungos; deixe-as se decompor. O crescimento das plantas urbanas selvagens certamente pressagia o declínio do Império, mas no Planthroposcene, o crescimento selvagem não será visto como um sinal de ruína. As cidades planthroposcenic serão projetadas para suportar a vida vegetal em toda parte. Cada superfície oferecerá uma oferta, um local para as plantas enraizarem, crescerem e se decomporem. Talvez um dia você conspire com as plantas para cultivar sua própria casa. Talvez as cidades se transformem em florestas frias, cheias de alimento.

No Planthroposcene, agricultores radicais como os do Land Institute, no Kansas, conseguiram dismantelar a agricultura industrial conspirando com as plantas para recuperar as planícies, cultivando grãos perenes na forma de pastagens em regeneração. Essas terras exigirão o retorno do búfalo; eles resistem à erosão, retêm água, ativam micróbios do solo e rejeitam máquinas pesadas e fertilizantes químicos. Como tal, eles irão preparar o terreno para novos tipos de relações sociais e políticas. No Planthroposcene, o imperativo capitalista de cultivar economias será subvertido e suplantado pelo imperativo de dar às plantas o tempo e o espaço de que precisam para crescer, articular livremente as relações com seus aliados e expressar seus desejos mais completos. Os seres humanos terão que ceder seus poderes biopolíticos sobre terras e corpos. Não estaremos mais no controle.



As plantas são os criadores de mundo que precisamos prestar atenção se esperamos cultivar mundos habitáveis. Nossos mundos só serão habitáveis quando as pessoas aprenderem a conspirar com as plantas.

Apenas para prepará-lo para o que se segue: este não é um trabalho de pesquisa, é um encantamento. Temos que lembrar que estamos vivendo sob um feitiço, e esse feitiço está destruindo nossos mundos. É hora de lançar outro feitiço, de convocar outros mundos, de conjurar outros mundos neste mundo. É claro que a situação em que nos encontramos agora nos deixa nos limites da linguagem e nos agarra à imaginação. Precisamos de arte, experimentos e perturbações radicais para aprender outras maneiras de ver, sentir e conhecer. Considere isso como um convite para experimentar maneiras de sonhar a vida de maneira diferente.

*Etapa 1 - Nunca se esqueça disso: "nós" não somos "um"*

Diga isso de novo. E de novo. Não podemos esquecer de continuar perguntando: exatamente quem é aclamado por esse Anthropos, aquela figura posicionada no comando do Antropoceno? A retórica antropocênica chama o "homem" como o agente de sua própria morte e, simultaneamente, o coloca em posição de único salvador viável do planeta: "Entramos nessa confusão. Só nós podemos nos tirar daqui."

Mesmo quando o pensamento antropocênico tenta chamar nossa atenção - e finalmente nos responsabilizar - pelos efeitos flagrantes de nossas ações, ele ainda mostra os seres humanos como um agente singular, transcendente e separado de alguma natureza edênica em perigo. Essas narrativas voltam a centrar-se em vez de descentrar o homem como agente do domínio natural sobre o futuro deste planeta.

Não se distraia com a imprecisão concreta dos esforços científicos para articular os marcadores físicos e os limites temporais de uma era geológica feita por seres humanos. O que estamos testemunhando é a apoteose de quinhentos anos de violência colonial, capitalismo extrativista, supremacia branca e a arrogância do excepcionalismo humano. O

Capitaloceno e o Plantationoceno são apelidos adequados para identificar as forças que há muito tempo trabalham no trabalho de terraformação do planeta. Essas forças destrutivas são impulsionadas, não por todas as pessoas, mas por aquelas maneiras particularmente flagrantes de viver a vida, modeladas no homem que se auto-engrandece.

Lembre-se disso: nem todos são aclamados por essa figura ou forma de vida. Capitalismo e colonialismo não devem ser confundidos como naturais ou inatos à existência humana. Não são conseqüências inevitáveis da evolução ou civilização humana. Mas eles são a condição de nossa situação atual. Marisol de la Cadena chama nossa atenção para aqueles que não vêem Antropo, cujas vidas e terras continuam a ser gastas no acúmulo de riqueza pelas potências coloniais e neocoloniais. Essas são as pessoas que continuam sendo alvos de desapropriação e tentaram aniquilar até mesmo - talvez especialmente - hoje, à medida que o capitalismo entra em ação em seus esforços para "tornar-se verde" e "salvar o mundo". Não acredite no hype da retórica da sustentabilidade. Os mundos construídos pelo colonialismo e pelo capitalismo são impossíveis de viver para todos nós.

04

### *Etapa 2 - Quebre este mundo para tornar possível outros mundos*

Não há como “mitigar” a violência antropocênica usando a lógica do antropoceno. Recusar pedidos de design para o Antropoceno. Tais projetos são precisamente as “correções tecnológicas” que nos manterão presos aos mesmos ritmos de extração e desapropriação. Recuse-se a ser atraído para os complexos de educação em mudanças climáticas, aquelas infra-estruturas de vidro, metal e concreto reluzentes cujos projetos intensivos em capital e mão-de-obra expõem requintadamente o ardid da sustentabilidade como uma manobra estética fundamentada nas visões edênicas da natureza. Esse não é o tipo de verde que nos salvará.

Sim, já existem apocalipses em andamento ao nosso redor. A dizimação da floresta boreal para extrair betume em terras indígenas roubadas no Canadá é um desses apocalipse. Mas ceder ao pensamento

convencional que justificam uma ecologia extrativa em dívida com expansão e desapropriação. Cuidado com as ecologias do Antropoceno que reduzem as práticas de cuidado da terra à gestão de recursos. Faça ecologia de outra maneira.

Descolonizar a ecologia significa restaurar a administração indígena em terras roubadas. No Planthroposcene, os governos coloniais devem ceder o controle sobre o manejo da terra e dar espaço para os povos indígenas levarem cerimônia e cura para suas terras e corpos. Os incêndios que atualmente incineram a Austrália e a Califórnia são um resultado direto da desapropriação colonial e da supressão das práticas indígenas de incêndio. Os detentores de conhecimentos indígenas sabem como conspirar com o fogo para criar mundos habitáveis e nutritivos. As savanas remanescentes de carvalho na Califórnia e nos Grandes Lagos, por exemplo, foram fabricadas ao longo de milênios por povos indígenas, trazendo fogo para terras e plantando comunidades que prosperam em chamas. A administração de terras indígenas é uma forma de redução de danos e ação climática. Essas são as conspirações das pessoas que nos salvam.

13

### *Etapa 9 - Jardim contra o Éden*

Esqueça tudo o que você pensava que era um jardim. E tudo o que você pensava que um jardineiro deveria fazer. Seu trabalho no Planthroposcene é organizar conspirações de plantas / pessoas para manter este planeta habitável e respirável. Seu principal compromisso será apoiar o crescimento das plantas. Em toda parte. Comece deixando as plantas crescerem onde querem: deixe-as romper o concreto; enraizar-se em todas as fissuras e superfícies; crescer através dos buracos em cada cerca

Não tenha medo das plantas. Lembre-se, aquelas plantas que nós difamamos como "espécies invasoras" estão aqui para nos ensinar sobre os estragos do colonialismo. As próprias plantas não são más. Eles crescem onde terras foram destruídas. Eles crescem em locais de desapropriação.

coisas que nunca havia percebido antes. Você pode sentir que está sendo vigiado em qualquer lugar que vá. De fato, as plantas e as árvores não são indiferentes a você: elas estão prestando muita atenção a todos os seres que se agrupam ao seu redor. Eles sabem como atrair você e seus outros co-conspiradores com força.

Comece com as plantas, siga seu crescimento inquisitivo, suas raízes e rizomas, os movimentos generalizados de seu pólen e sementes, e toda uma ecologia de seres, devires e vindas desfeitas em breve se tornará perceptível. Se envolva no momento involucionário que impulsiona esses seres para a vida um do outro e em breve você começará a perceber ecologias afetivas tomando forma entre o emaranhado de relações à sua volta.

Cultive modos de atenção que permitam perceber o que importa para as plantas e seus co-conspiradores. Tornando-se sensor, sintonize-se com essa ecologia de práticas e praticantes. Siga o empurrão e puxe, as atrações e repulsões, os acontecimentos tomando forma dentro e ao redor das plantas. Experimente as maneiras pelas quais as plantas praticam suas artes à beira da vida e da morte. Com o tempo, você começará a desafinar seu sensorium ecológico colonial e novos mundos se abrirão à vista.

Desenvolva protocolos para uma ecologia irrecuperável - um modo de investigação que recusa o colonialismo, militarismo, heteronormatividade e economização da vida que fundamenta a ecologia convencional. Resista aos desejos de legibilidade e generalização estatística. Recuse as tentativas de calcular a eficiência energética de uma ecologia ou aplicar análises de custo-benefício. Invalidar métricas que analisariam as relações ecológicas em partes mecânicas. Quebre todos os sensores automáticos pré-fabricados.

Com o tempo, você começará a esquecer o que costumava pensar que "natureza" era; você esquecerá como costumava pensar que a vida "funcionava"; e, eventualmente, você também esquecerá os tropos naturalizantes que o fizeram acreditar que os seres vivos "funcionam" como máquinas ou que as florestas realizam "serviços ecossistêmicos" ou que "reprodução" e "condicionamento físico" eram as únicas medidas valiosas e registráveis de uma vida. Confronte os desejos coloniais e capitalistas das ciências ecológicas. Diga não às métricas exatas da ecologia

apocalíptico é em si um tipo de estratégia de saída, uma saída fácil. O pornô arruinado, incluindo aquelas imagens muito convincentes de plantas que rompem edifícios abandonados em Detroit e Chernobyl, prospera nessa narrativa de "um mundo sem nós". A Terra ficará melhor sem pessoas, como nos dizem. Cuidado com esse pensamento apocalíptico. O pensamento antropocênico o apanha em meio ao apocalipse e nos leva a trabalhar, sonhando furtivamente o fim dos tempos.

Devemos recusar o que Donna Haraway chama de "trágica detumescência" de um arco narrativo que está inclinado a puxar o planeta inteiro em direção a uma catástrofe incontrolável. Não se deixe levar a pensar que é assim que deve acontecer, como se o apocalipse fosse precisamente o que teria sido. Que futuros estamos colocando em movimento com toda a nossa retórica apocalíptica?

Resista à atração do apocalipse como se sua vida dependesse disso. Sim, é mais fácil sonhar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, mas a única maneira de frustrar o momento do Antropoceno é quebrar o capitalismo e ativar processos de descolonização. E, embora esteja claramente na hora de desmontar a lógica do Antropoceno, não há necessidade de esperar até o fim deste mundo para começar a conjurar os que podem ser vividos. Como Stuart McLean nos lembra, ainda existem outros mundos neste mundo. E ainda existem mundos por vir. Mas que mundos serão habitáveis? E o que torna um mundo habitável?

Etapa 3 - Repita este mantra: Não estamos sozinhos. Nós não estamos sozinhos. Nós não estamos sozinhos.

Olhando para os últimos quinhentos anos de esforços para afirmar a independência do homem ocidental e o poder sobre a natureza, fica claro que nunca devemos confiar que devemos agir sozinhos. O pensamento antropoceno é tão obcecado com a independência do homem, com ação e autonomia unilateral, que esquece que existem outras forças e poderes entre nós, incluindo aqueles com habilidades significativamente melhores no domínio das mudanças de mundo e de escala planetária. Em alguns



casos, esses seres têm bilhões de anos a mais de experiência do que nós em mundos habitáveis de transformação de terra.

#### *Etapa 4 - Nomeie nosso aliado mais poderoso*

06 Quem fez este planeta habitável e respirável para animais como nós? Diga em voz alta: os fotossintéticos - os organismos fotossintéticos formam uma força biogeoquímica de magnitude que ainda não captamos adequadamente. Mais de dois bilhões de anos atrás, micróbios fotossintéticos estimularam o evento conhecido hoje como a catástrofe de oxigênio, ou a grande oxidação. Essas criaturas alteraram dramaticamente a composição da atmosfera, sufocando as antigas anaeróbias com vapores venenosos de oxigênio. Se continuássemos a cair na armadilha de nomear eras lineares, limitadas pelo tempo, como agentes singulares, poderíamos ficar chocados ao pensar que estamos vivendo na esteira do que deveria ter sido chamado de "Fitoceno".

Os fotossintetizadores, como cianobactérias, algas, plantas e árvores terrestres, são os agentes mais poderosos do planeta para rearranjo elementar. A ciência da fotossíntese, com suas métricas calculadoras empenhadas em extrair valor de seres verdes, está muito atolada na lógica do capital naturalizado. Esses seres verdes devem ser entendidos de outra maneira; isto é, como praticantes de uma espécie de matéria alquímica, cósmica. Achamos que as plantas não podem se mover, mas elas se estendem pelo cosmos, atraindo a energia do sol para os tecidos, para que possam trabalhar sua mágica terrestre. Puxando a matéria do nada, as plantas devem ser entendidas como conjuradoras do mundo. Eles nos ensinam as lições mais sutis sobre matéria e matéria.

Mais poderosas do que qualquer planta industrial, as comunidades de criaturas fotossintéticas reorganizam os elementos em escala planetária.

Eles sabem como compor mundos habitáveis, respiráveis e nutritivos. Enquanto expiram, compõem a atmosfera; quando se decompõem, importam o composto e alimentam o solo.

Segurando a terra e o céu, eles cantam em frequências

imaginação. Nessa perspectiva, fica claro que seus sentidos já estão vegetalizados. E, no entanto, ainda há muito trabalho a ser feito para aprender como estender seu sensorio sinestésico para conhecer seus mundos animados.

Para despertar a planta latente em você, você precisará se interessar pelas coisas com as quais a planta se importa. Embora as plantas não tenham olhos, ouvidos, narizes ou bocas, não se deixe enganar - elas podem ver, ouvir, cheirar, provar e sentir. Deixe as sensibilidades plantares deles flexionarem a sua. Sintonize-se com as diferentes maneiras com que passam o tempo, aprenda a seguir seus ritmos e ritmos. Preste atenção às maneiras pelas quais eles desafiam as noções humanas demais de individualidade, integridade corporal, subjetividade e agência. Deixe as plantas redefinirem o que você quer dizer com os termos "sensoriamento", "sensibilidade" e "senciência". Deixe-se seduzir pelas curvas tropicais e logo você adquirirá destrezas sensoriais recém-vegetalizadas.

Você também pode ativar a planta latente em você através de encantamentos, hipnose, meditação ou ioga. Tente cultivar sua planta interna através da meditação. A vegetalização é possível porque seu corpo não termina na pele. Seus contornos não são limitados pela aparência física. Seu imaginário morfológico é fluido e mutável. De fato, seus tecidos podem absorver todos os tipos de fantasias. Sua imaginação gera mais do que meras imagens mentais; seu alcance se estende por todo o seu sensorio. Simultaneamente visual e cinestésica, a imaginação carrega uma carga afetiva. Eles podem excitar seus músculos, tecidos e fáscia, aumentar ou alterar seus sentidos. Você pode dobrar a semiose em sensação. Experimentos perceptivos podem rearticular seu sensorium. E imaginando o contrário, e contando histórias diferentes, você pode abrir novos mundos sensíveis.

#### *Etapa 8 - Tire a ecologia da rede*

Depois de descolonizar sua imaginação e vegetalizar seu sensorium, o mundo parecerá muito diferente. Você pode começar a sentir

colonial. Para fazer isso, precisaríamos reverter tudo o que acreditávamos ser senso comum. Esqueça tudo o que você pensou que sabia sobre o mundo dos vivos, especialmente o que acredita ser perceptível, imaginável, razoável, legível e significativo. Recuse os desencantamentos de uma ciência mecanicista que torna mundos mais do que humanos na forma de partes alienáveis da vida e da morte, prontas para serem divididas em bens, recursos ou mercadorias. Afaste as economias morais coloniais e capitalistas que ditam o que é bom, valioso e verdadeiro - especialmente aquelas que naturalizam o crescimento econômico e a extração como o trabalho adequado ao homem.

Recuse-se a disciplinar ou menosprezar as cosmologias locais e indígenas. Afaste todas as contorções, apagamentos ou reduções de seus conhecimentos que busquem tornar essas práticas legíveis, proporcionais ou racionais à ciência. Não se aproprie dos conhecimentos indígenas, mas faça o trabalho para tornar-se receptivo e receptivo para que você possa levar esses conhecimentos a sério. Abra espaço para outras maneiras de conhecer e narrar o mundo dos vivos. Lembre-se: existem pessoas em todo o mundo que possuem os protocolos, o know-how e a responsabilidade de consultar as plantas. Os mundos habitáveis precisam de pessoas que saibam falar com as plantas.

### *Floresta Mágica, Etapa 7 Vegetalize seu sensorium*

Depois de iniciar esforços para descolonizar seu senso comum, é hora de vegetalizar seu sensorio, para que você também possa aprender com e ao lado das plantas. Como co-conspirador apoiando seus projetos de criação de mundo, você precisará aprender com eles. O que as plantas querem? O que as plantas sabem? O que uma planta pode fazer? Ainda não sabemos. Mas você poderia alcançá-los com a abertura de não saber e esquecer o que pensava ser considerado conhecimento.

Considere o seguinte: seu sensorium, especialmente seus sentidos de cor, textura, sabor, tato e olfato, já está articulado pela vida vegetal. Suas formas inspiram sua estética, envolvem seu habitus e estimulam sua

ultrassônicas quase audíveis enquanto transpiram, movendo grandes volumes de água das profundezas da terra até as nuvens mais altas. Eles limpam as águas e nutrem toda a outra vida. E para aqueles que são apanhados pela escravidão de uma economia que fetichiza carbono, talvez a arte mais importante que essas criaturas praticam seja absorver, com gosto, as emissões gasosas de carbono que nós humanos geramos tão abundantemente.

Dizer que florestas e micróbios marinhos formam os "pulmões da terra" é um eufemismo. Eles literalmente nos inspiram a existir. Todas as culturas mudam os ritmos metabólicos das plantas. As plantas são a substância, substrato, andaime, símbolo, sinal e sustento das economias políticas em todo o mundo. Precisamos aprender a trabalhar com e para as plantas, para que possamos ser nutridos, vestidos, protegidos, agradados e curados - sem destruir a terra.

As plantas são os criadores de mundo que precisamos prestar atenção se esperamos cultivar mundos habitáveis. E nossos mundos só serão habitáveis quando as pessoas aprenderem a conspirar com as plantas.

### *Etapa 5 - Planta de Fomento / Conspiração de Pessoas para Enraizar no Planthroposcene*

Repita isso de novo e de novo: Nós somos das plantas. Agora, se isso for verdade, a figura que deve fundamentar nossas ações não é o Anthropos que se auto-engrandece, mas uma figura estranhamente híbrida que poderíamos chamar de Planthropos. E agora tente envolver a boca em torno dessa palavra até que ela saia da sua língua com facilidade: Planthroposcene. (Sim, é embaraçoso e você parecerá bobo. Mas tente.) O Planthroposcene nomeia uma episteme aspiracional, não uma era de tempo determinado, que nos convida a encenar novas cenas e novas maneiras de ver e semear as relações planta / pessoas no aqui e agora, não em um futuro distante. E está fundamentado na sabedoria dos antigos e contínuos projetos de solidariedade radical que as plantas já cultivaram com suas muitas pessoas.

Em vez de circunscrever os terrores que enfrentamos agora, o Planthroposcene é um convite para nos enraizarmos em uma maneira de viver a vida que quebraria o quadro da lógica do Antropoceno. O Planthroposcene reconhece o futuro conjunto e incerto de plantas e povos e exige que mudemos os termos do encontro para que possamos nos tornar aliados desses seres verdes. O antropólogo Tim Choy faz um apelo poderoso à formação de uma conspiração de respiradores. Essa é uma política aspiracional na qual as pessoas aprendem a respirar, ou seja, respirar juntas, a fim de lutar contra os efeitos atmosféricos do que Michelle Murphy chama de exuberância industrial. Ele nos ajuda a pensar em conspiração de outra maneira, não como uma associação sinistra, mas como a base para uma política habitável. É hora de estender seu pedido de uma conspiração de respiradores para incluir as plantas. Ou seja, precisamos aprender não apenas a colaborar, mas também a conspirar com as plantas, a respirar com elas. Lembre-se, eles nos inspiraram a existir.

Lembre-se disso: o que é bom para as plantas é bom para todos os outros. Fique do lado delas. Considere-se ao seu serviço. Conheça as plantas intimamente e nos seus termos. E certifique-se de explorar seus desejos por formas de vida que não são para nós. Apoie seus esforços para manter a terra fresca e as águas limpas. Dê às plantas e aos seus solos espaço e tempo para florescer fora dos ritmos da extração capitalista e da violência química da agricultura industrial. Lembre-se: eles precisam de seus polinizadores; eles precisam de suas relações fúngicas; eles precisam de seus aliados animais.

Acima de tudo, eles precisam que reconfiguremos radicalmente como preparamos nossas relações com eles. De fato, se as plantas são adoradoras do sol, talvez devêssemos ser adoradoras de plantas. Um pouco de reverência pelas plantas poderia percorrer um longo caminho. Invente rituais. Pratique permacultura com as bruxas. Crie uma igreja local para o culto às plantas. Não se preocupe: a reverência pelas plantas não significa que você não possa comê-las. Mas isso significa que seria educado agradecer a eles por sua generosidade. Apenas pense: se você tivesse que consultar as usinas para pedir permissão para usá-las, a agricultura industrial, a mineração de tiras, o corte nítido e o concreto em expansão da expansão urbana seriam inconcebíveis. Basta perguntar, eles vão te dizer.

Descolonização significa devolver terras roubadas aos povos indígenas. E a descolonização exige que reconheçamos e desmantelemos as formas abertas e secretas em que os estados colonizadores estão estruturados na supremacia branca, na escravidão e nos apagamentos das relações terra / corpo existentes através de fantasias de Terra Nullius. Talvez um passo em direção à descolonização exija que perturbemos nossa imaginação colonial demais. Para fazer isso, precisaríamos mudar tudo o que acreditamos ser de bom senso.

Conversar com plantas parece louco para você? Considere o seguinte: por milênios, e até hoje, as pessoas em todo o mundo cultivam relacionamentos íntimos com as plantas. Muitos passaram a conhecer os poderes e as predileções das plantas, especialmente aqueles cujas vidas e meios de subsistência as envolvem com as plantas e ficam presas em seu turbilhão espiralado. Há jardineiros, agricultores, caçadores, curandeiros, herbalistas, cozinheiros, artistas, naturalistas, silvicultores, cientistas e xamãs em todo o mundo que consideram as plantas como seres sencientes dignos de morar. Muitas pessoas ouvem as plantas cantarem, embora não necessariamente nos registros audíveis que você possa antecipar.

E, ao mesmo tempo, muitas pessoas - talvez até você - pensariam que isso é um absurdo. Claro, você leu a história sobre plantas em seu feed do Facebook: "A ciência confirmou que as raízes das plantas têm uma espécie de inteligência de enxame..." Mas não precisamos das ciências desencantadoras do sensor de plantas para nos dizer o que as pessoas das plantas conhecem há muito tempo. O que precisamos fazer é estranhar o desencanto e o ceticismo que herdamos daqueles cujo poder foi garantido em parte por ciências projetadas para invalidar todas as outras formas de conhecer o mundo. É claro que foram os colonizadores que se recusaram a acreditar nas reivindicações locais e indígenas de que as plantas podem cantar.

Não se esqueça que o excepcionalismo humano é outra formação colonial, que evacua violentamente a vivacidade e a consciência do mundo mais que humano ao nosso redor. É hora de desafinar nosso sensorium

